

Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional**

**Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social**

## **SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO E O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA DEPENDENTE: O MÉTODO EM MARX POR VÂNIA BAMBIRRA**

**ANA CRISTINA OLIVEIRA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O texto aborda a centralidade do trabalho, a crise do capital e as transformações societárias e produtivas no desenvolvimento capitalista dependente pela análise que Vânia Bambirra assume, à luz da teoria social crítica em Marx. Consumamos que a superexploração do trabalho no capitalismo dependente demanda uma burguesia violenta que opera para equalizar por baixo o valor da força de trabalho.

**Palavras-chave:** capitalismo dependente, crise do capital, centralidade do trabalho e superexploração do trabalho

### **ABSTRACT**

The text addresses the centrality of work, the capital crisis and the societal and productive transformations in dependent capitalist development through the analysis that Vânia Bambirra assumes, in the light of Marx's critical social theory. Let us assume that the super exploitation of labor in dependent capitalism demands a violent bourgeoisie that operates to equalize the value of labor power from below.

**Keywords:** dependent capitalism, capital crisis, centrality of work and super exploitation of work.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este texto surge como resultado parcial das reflexões de Grupo de Estudos e Pesquisa Interinstitucional desenvolvido entre os anos 2019 e 2022 sobre relações de superexploração da força de trabalho e o capitalismo dependente.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Neste breve ensaio, temos a intenção de evidenciar e criticar tendências pós modernas conceituais sobre a centralidade do trabalho, como uma reação burguesa à crise do capital, e que determinam as formações sociais latino-americanas e suas relações com o sistema mundial capitalista. Assim como, aborda as análises das transformações societárias e produtivas no desenvolvimento capitalista dependente.

O movimento pós-moderno atua no campo da cultura e se contrapõe aos discursos universais “totalizantes e homogeneizadores” (HARVEY, 2008). É importante destacar que, ao combater o “cientificismo” por meio da crítica à razão iluminista/positivista, acaba se aproximando daquele que almeja negar (o positivismo/neopositivismo) e reduz a realidade à uma crença. Com isso, provê a ciência de forma estreita. “A lógica fetichista do capital combina de forma dialética a privatização da vida cotidiana, o culto à identidade micro e aos guetos, com a expansão totalizante e mundializada dos mercados globais, isto é, a postura pós-moderna com a lógica do capitalismo neoliberal e mundializado” (CARCANHOLO; BARUCO, 2009, p. 140).

Este texto também indica dois componentes correlacionados, à luz das contribuições da intelectual Vânia Bambirra<sup>2</sup>, para o pensamento crítico sobre a formação do capitalismo dependente latino-americano. Esta pesquisa vem preencher uma lacuna no pensamento social brasileiro diante das novas exigências sociais impulsionadas pela crise global do capitalismo e os rebatimentos da ação dos monopólios na América Latina desde o início do século XX. Na sua obra se destaca o rigor-analítico que avança para além da reprodução das “modas” importadas dos países metropolitanos. Um capitalismo dependente que apresenta característica *sui generis* (MARINI, 2000; 2005) ao operar nos mecanismos funcionais do capital monopolista, e com isto, ser determinado à condição de dependente.

O primeiro componente diz respeito à crise estrutural do capital e a correlação de forças na luta de classes que contribuem, a cada momento histórico, para a formação de um padrão de exploração da força de trabalho. Tal fato implica em formas modificadas da superexploração do trabalho<sup>3</sup> nos países latino-americanos. O segundo componente, articulado ao primeiro, é o método analítico-estrutural que a Vânia Bambirra assume para apreender a categoria analítico-explicativa fundamental da conformação das sociedades latino-americanas, a dialética

<sup>2</sup> A mineira Vânia Bambirra (1940-2015), professora e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB), da Universidad de Chile/Centro de Estudios Socioeconómicos (CESO) e da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), foi militante revolucionária e teórica fundadora da Teoria Marxista da Dependência junto à Ruy Mauro Marini e Theotonio dos Santos. Bambirra se propôs a tarefa de pesquisar a América Latina em seu conjunto. O resultado de sua pesquisa foi o livro “O Capitalismo Dependente Latino-Americano” (BAMBIRRA, 2013). Ainda de forma especial, sua produção está amalgamada na atuação militante.

<sup>3</sup> Para consultar sobre o ciclo do capital na economia dependente, o padrão de reprodução do capital e a superexploração da força de trabalho conferir Ferreira, Osório e Luce (2012); Luce (2018); Osório (2018); Marini (2000), entre outros.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

da dependência (MARINI, 2000; 2005).

A superexploração do trabalho é uma categoria consistente da TMD, específica da realidade concreta dependente. Esta categoria revela a violação do fundo de consumo da classe trabalhadora na dialética do desenvolvimento capitalista no sistema mundo que provoca a destruição da força de trabalho, como uma lei tendencial.

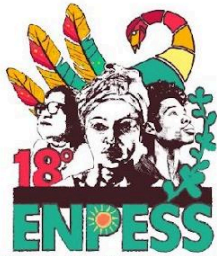
Em Ruy Mauro Marini, a superexploração aparece como uma lei própria do capitalismo dependente por observar uma regularidade estrutural, uma vez que cumpre a função de compensar as transferências de valor da economia dependente para as economias imperialistas centrais. Nos países centrais, a superexploração, embora possa ocorrer, essa ocorrência tenderia a ser esporádica, não se configurando como lei (FERREIRA, 2011, p. 3).

De partida, importa assinalar que o debate acerca da formação econômico-social brasileira e o trabalho não é unívoco. Neste artigo, apesar de reconhecermos o preciosismo de outras interpretações, à luz da teoria social crítica em Marx, sob a formação social brasileira, nos dedicaremos às contribuições de uma interpretação do caráter condicionante do concreto com a ordem vigente e a uma metodologia comprometida com a totalidade da realidade social. Aqui, a necessidade é estabelecer a relação existente entre a situação de dependência e a estrutura dependente, iluminada sob as análises que Vânia Bambilra estabelece.

Isto posto, entendemos que o ponto de partida para maturar as dimensões das transformações societárias e produtivas no desenvolvimento capitalista dependente é a questão da apropriação do método em Marx. A autora parte da concepção ontológica da realidade social, constituindo uma unidade metodológica: teoria, método e concreto social. Deste modo, a apreensão na formulação metodológica da tradição marxista é tornar explícito a compreensão de que o modo de produção no capitalismo dependente é essencialmente articulado à dinâmica que o capitalismo assume historicamente nos países centrais, como “[...] integrante no sistema capitalista mundial, porque se formam dentro do contexto de sua expansão. Nesse sentido, a economia mundial tem que ser tomada como os determinantes em última instância” (BAMBIRRA, 2013, p. 40). Ao mesmo tempo, a dependência conforma e condiciona a estrutura econômica interna redefinindo a relação com as possibilidades estruturais das diferentes economias nacionais.

## **2. TENDÊNCIAS PÓS-MODERNAS DO TRABALHO E A NEGAÇÃO DO TRABALHO ÚTIL**

**ABSTRATO:** para o início de conversa



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Nesta seção, nos ocuparemos em sugerir linhas investigativas possíveis a partir de um esforço coletivo, e mais amplo de pesquisa, no sentido da superação de tendências pós modernas nas análises-explicativas sobre trabalho, capitalismo dependente e a relação com a crise do capital. Esta relação, costumeiramente, é apresentada como um fenômeno externo e coercitivo, contrariando a concepção ontológica da realidade social.

Tal como Marx (1983;1984), partimos da chave analítica do enriquecimento capitalista, onde o trabalho excedente não pago é apropriado pelos capitalistas. Isto constitui o conceito da mais-valia (mais-valor) que representa a parte da jornada de trabalho além do necessário para atender as necessidades humanas. Entendemos que é imprescindível recuperar a essência do processo de construção do trabalho uma vez que representa, na teoria do valor de Marx, a medida e a determinação do valor na unidade e em duplo caráter: o valor de uso (trabalho concreto) e o valor de troca (trabalho abstrato).

Quer dizer, no capitalismo, o valor útil (valor de uso) do trabalho no processo de criação de um produto à sociedade unifica-se ao valor de troca ao ser destinado à venda, à distribuição como mercadoria de valor. Assim, o trabalho deixa de ser exclusivamente útil concreto ao produzir valor de uso e se transforma em trabalho abstrato ao realizar, concomitantemente, o valor de troca (Idem).

Se o trabalho é a categorial fundamental para a criação de riqueza capitalista, para Marx o processo de exploração do trabalho não acontece apenas pela ampliação da jornada de trabalho do trabalhador (mais-valia absoluta), mas sobretudo pelo aumento da produtividade do trabalho reduzindo o trabalho concreto, consolidado na mais-valia relativa. Isto ocorre na redução do trabalho necessário (valor de uso) e na ampliação da jornada intensificada do trabalho excedente não pago (valor de troca). Desta forma, podemos observar que a inserção de novas tecnologias contemporâneas exacerba tal e aprofunda o fosso da exploração do trabalho alheio. Marx já nos advertia que com a introdução da maquinaria tivemos consequências prejudiciais para a força viva de trabalho. Em O Capital (livro 1, volume 2), Marx (1984) argumenta os efeitos que as inovações tecnológicas, em especial a maquinaria, trazem ao capitalismo e a diminuição do chamado tempo de trabalho socialmente necessário. Marx (1984, p. 7) alerta que

Igual a qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, ela se destina a baratear mercadorias e a encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador precisa para si mesmo, a fim de encomprar a outra parte da sua jornada de trabalho que ele dá de graça para o capitalista.

E no processo concorrencial com outros capitalistas, ele consegue um lucro



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

extraordinário.

Com a generalização da maquinaria num mesmo ramo de produção, cai o valor social do produto da máquina para seu valor individual e se impõe a lei de que a mais-valia não se origina das forças de trabalho que o capitalista substituir pela máquina, mas pelo contrário, das forças de trabalho que ocupa com ela (MARX, 1984, p. 31).

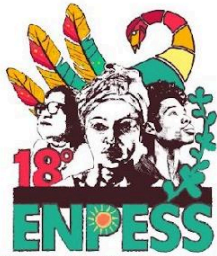
Um aspecto a ser ressaltado na discussão de Marx sobre a introdução da maquinaria no processo produtivo é que ela libera força de trabalho vivo, engrossando, assim, o exército industrial de reserva<sup>4</sup>. Para Marx (1984), o que ocorre é que, em alguns casos, a anexação acessória de ramos de produção se desenvolve, incentivada pela grande indústria mecanizada. Apesar de Marx confirmar a redução relativa do número de trabalhadores, de modo algum afirma que as inovações tecnológicas conduzem ao fim do trabalho da classe trabalhadora, ou ao que nos interessa nestas linhas, o fim da centralidade do trabalho no processo de criação de riqueza capitalista.

Retomando a unidade dialética do valor (valor de uso e valor de troca), podemos arrematar que a posição dos pensadores pós-modernos abriga uma tendência que esconde esta dupla determinação. Dito de outra forma, ao defenderem o fim da centralidade do trabalho, infringem a destinação das duas faces do trabalho (o concreto e o abstrato), e a sua inter-relação. A ferida aberta criada por tais pensadores pós-modernos, ao maximizarem o trabalho abstrato (estranhado) nega o trabalho útil concreto, descolando-o de sua unidade.

Marx (1984) ao confirmar a redução referente ao quantitativo de trabalhadores com a introdução da maquinaria na grande indústria não revela que as inovações tecnológicas possam conduzir para o fim do trabalho ou ainda da classe trabalhadora. O esforço de acúmulo coletivo indicado por pesquisadores críticos às tendências pós-modernas (ANTUNES, 1995; HARVEY, 1993; COGGIOLA, 1995; GORZ, 1989; KUMAR, 1997; entre outros) ganha espaço como uma forma de compreensão da vida social ao contestar as análises que se envergam às teses do “fim da história”, “fim do trabalho”.

---

<sup>4</sup> Marx no livro *O Capital* (1984), de maneira geral, indica que o desemprego estrutural é uma condição da sociedade capitalista quando a superpopulação relativa apresenta-se como o elemento crucial de fornecer aos processos de acumulação do capital, além da força de trabalho diretamente envolvida na produção, uma reserva significativa de mão-de-obra que pode ou não substituir esta força de trabalho, caso necessário, ou seja o exército industrial de reserva. Conforme Marx menciona, a [...] população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado por sua própria conta. Ela fornece a suas necessidades variáveis de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independentemente dos limites do verdadeiro aumento populacional (MARX, 2013, p. 707).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

O que podemos identificar, na disputa de ideias, é um paradigma não apenas como “pós-moderno”, mas com tendências que planam afirmações irracionistas<sup>5</sup>(LUKÁCS, 1999) e que deturpam a realidade social. Como explica Netto (1978, p. 41), “o texto [de *A destruição da razão*] expõe a emergência do irracionalismo moderno, a sua aparição e expansão até se converter em corrente dominante da filosofia burguesa do período imperialista”.

### 3. OS CONDICIONANTES DO CAPITALISMO DEPENDENTE E SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO: contribuições da Vânia Bambirra

*El papel previsor de la ciencia está limitado por la práctica concreta del movimiento social que es lo que em definitiva concretizará o no alternativas y tendencias. (Vânia Bambirra, 1972).*

Se olharmos com atenção, este debate na disputa hegemônica de classe já se encontra em Marx no século XIX como um problema, quando este analisa os efeitos humanos devastadores das inovações tecnológicas sobre a classe trabalhadora.

Ao analisar o caráter condicionante, Vânia Bambirra (2013, p. 38) ilustra esta compreensão ao lançar os argumentos de Theotônio dos Santos no texto “La crisis de la teoría del desarrollo y las relaciones de dependencia en América Latina”, evidenciados da seguinte forma:

a) Em primeiro lugar, devemos caracterizar a dependência como uma situação condicionante. A dependência é uma situação na qual certo grupo de países tem sua economia condicionada pelo desenvolvimento e expansão de outra economia à qual se encontra submetida. [...]. Uma situação condicionante determina os limites e possibilidades de ação e comportamento dos homens. [...]

b) Deste ponto podemos chegar a nossa segunda conclusão geral introdutória: a dependência condiciona uma certa estrutura interna que a redefine em função das possibilidades estruturais das diferentes economias nacionais.

A ilustração desta perspectiva expande a análise entendendo que tais fatores condicionantes não se configuram, apenas como um ponto de partida, mas como seu objeto de

---

<sup>5</sup> György Lukács, em *A Destruição da Razão* (2020), evidencia o irracionalismo como uma tendência reveladora da filosofia reacionária dos séculos XIX e XX, como uma resposta aos problemas da luta de classes. O autor intenciona alcançar esta compreensão quando revela: “Queremos demonstrar, pelo contrário, que as diferentes etapas do irracionalismo surgiram como respostas reacionárias a problemas da luta de classes. O conteúdo, a forma, o método, o tom etc. de sua reação contra o progresso na sociedade não são determinados por tal dialética interna própria ao pensamento, mas, sobretudo, pelo adversário, pelas condições de luta, que são impostas à *bourgeoisie* reacionária. Isso precisa ser fixado como princípio básico do desenvolvimento do irracionalismo” (LUKÁCS, 2020, p. 14-15). Lukács desnuda as tendências contrárias ao materialismo histórico e dialético e aponta, categoricamente, a eliminação radical da história.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

investigação. A lente analítica-explicativa vem não para construir uma nova teoria do desenvolvimento. A proposta é, acima de tudo, elucidar uma teoria da dependência, qual seja, reconhecer nas manifestações históricas específicas o processo de transformação das estruturas dependentes. Estas abarcam o desenvolvimento das sociedades latino-americanas no sistema mundo referendadas na Lei Geral da Acumulação Capitalista, na organização do processo produtivo e nas relações definidas pela divisão internacional do trabalho.

Apesar desta dependência apresentar analogia entre os condicionantes que configuram o “conjunto de sociedades dependentes” (BAMBIRRA, 2013, p.39) na relação com os centros hegemônicos, há que se diferenciar pela “tipologia das estruturas dependentes” (Idem). Neste caminho, Vânia Bambirra concentra o esforço no “estudo específico das estruturas dependentes concretas” de cada país, com aproximações sucessivas à realidade concreta, a partir do pós guerra de 1945.

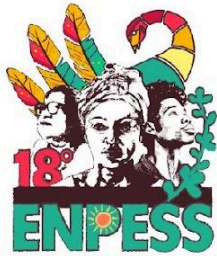
A materialidade no corte analítico a partir do pós-guerra de 1945, indicada por Bambirra (2013, p.40) está sobretudo na característica especial da “nova fase do processo de integração dessas sociedades ao sistema capitalista monopolista mundial”, que se configura de forma singular neste período.

É somente após a Segunda Guerra Mundial que a integração monopólica mundial se cumpre de forma plenamente definida e esse torna dominante, seja através do processo mais acelerado de integração no nível das grandes empresas multinacionais, seja através da criação de organismos internacionais para a integração política, seja através dos tratados de integração militar, seja, por último, através da expansão do capitalismo monopolista de Estado (Idem).

A égide do capitalismo dependente continua a subordinar o seu desenvolvimento, aos dinamismos das nações capitalistas avançadas, elementos estruturantes nos processos da modernização burguesa em nosso país que se explicitam neste período da contrarrevolução preventiva e prolongada. Como assinala Mandel (1990) a “onda longa expansiva” favoreceu para a expansão da concentração e centralização do capital com uma intensa reprodução e que nas palavras do autor

Essa expansão (*boom* do pós-guerra) tinha dado um impulso poderoso a um novo avanço das forças produtivas, a uma nova revolução tecnológica. Propiciou um novo salto para a concentração de capitais e a internacionalização da produção, as forças produtivas ultrapassando cada vez mais os limites do Estado burguês nacional (tendência que começou a se manifestar desde o início do século, mas que se amplificou consideravelmente desde 1948). (MANDEL, 1990, p. 11-12).

Na América Latina, o capitalismo se desenvolve, portanto, articulado ao contexto da expansão e evolução do capitalismo mundial de países centrais, configurando tipos específicos de capitalismo dependente. (OLIVEIRA; SOUZA; SOARES, 2019).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Desta forma, a partir do pós-guerra de 1945, devido ao grande desenvolvimento das forças produtivas que a guerra permite concentrar na economia estadunidense – o que faz culminar o processo de monopolização, centralização e concentração da produção por parte das empresas multinacionais –, verifica-se nos países latino-americanos uma série de transformações substanciais. Tais transformações reorientam o sentido da industrialização dos países nos quais esta já havia começado, e iniciam e orientam a industrialização em vários países que até então não tinham desencadeado este processo (BAMBIRRA, 2013, p. 33).

A autora, num esforço analítico-explicativo traz um tratamento singular como uma intérprete da formação social latino-americana. Configura, assim, sua análise como um diferencial em relação à outras análises histórico-sociológica ou ainda sociológicas inspiradas na tradição marxista, ao fazer a apropriação das análises da formação social brasileira a partir da crítica da economia política e compreensão profunda da lei do valor. Conforme reforça a autora, para a compreensão do capitalismo dependente, há que se considerar duas ordens de necessidades correspondentes. E, como a autora propõe, trata-se de uma metodologia *histórico-estrutural*. A primeira diz respeito ao caráter e às contradições do capitalismo dependente na fase de integração monopólica mundial (BAMBIRRA, 2013), na qual as sociedades latino-americanas fazem parte desta integração. Esta necessidade possibilita esclarecer o caráter e as contradições do capitalismo dependente na fase de integração monopólica mundial que, em primeiro lugar, explicita a profunda crise mundial do capitalismo. Num segundo momento,

oferecer elementos para a reorientação da concepção estratégico-tática que guiava os movimentos revolucionários, o que se fazia imprescindível frente aos duros reveses sofridos por esses movimentos, que se deviam em parte aos seus equivocados pressupostos programáticos (BAMBIRRA, 2013, p.28).

Ao colocar o problema da revolução como uma questão teórica (FERREIRA, 2017) Bambirra estuda no capitalismo dependente latino-americano o processo de industrialização e integração de mais de vinte países da América Latina ao mercado mundial, trazendo o concreto para a análise. A autora apresenta, ainda, como estas formações sociais desenvolvem uma estrutura de classes e características de um Estado autárquico, de poder, de domínio e dominação estatal a partir destas particularidades da história da industrialização em cada uma dessas formações.

Bambirra (2013) tem como princípio que o desenvolvimento do capitalismo na América Latina ocorre dentro do contexto da expansão e evolução do capitalismo mundial. Ao fundamentar a tipologia da dependência (industrialização estrutural socioeconômica), ela compreende que o capitalismo latino-americano, definido pela Lei Geral de Acumulação





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Capitalista, assume tipos específicos de capitalismo dependente ligados à dinâmica histórica do capitalismo dos países centrais.

O método de análise histórico-estrutural que Vânia Bambirra segue sobre o que pode ser definido como um conjunto de sociedades capitalistas dependentes leva em consideração que a integração dos países latino-americanos ao sistema capitalista mundial, no século XIX, só poderia ter se fundamentado como economias primário-exportadoras. Portanto, aqui se estabelece a intrínseca relação entre a Lei Geral da Acumulação Capitalista e o capitalismo dependente latino-americano.

Outro importante enfoque de sua análise é a diferenciação dos componentes internos essenciais e estrutura dependente de cada país na América Latina através da agrupação de tipos. Isto se apoia no marco geral das economias exportadoras, ou seja, alguns países adquiriram a independência em momentos e tempos históricos distintos, tanto nos aspectos dos regimes políticos quanto das suas economias e indústrias em relação à definição do novo caráter da dependência pós-1945.

A proposta metodológica indica os dois grandes tipos de estrutura dependente. O tipo A é constituído por países cujo processo de industrialização começou a partir das últimas décadas do século XIX (Brasil, Argentina, México, Uruguai, Chile e em menor medida Colômbia). Isto é, nestes países do tipo A, desde o fim do século XIX, já tinham um significativo setor industrial e em todos esses países a industrialização recebe um novo impulso com a Primeira Guerra Mundial, conforme os exemplos citados abaixo:

Já os países de tipo B sofreram o processo a partir da Segunda Guerra Mundial, apresentando-se controlados diretamente pelo capital estrangeiro e compostos pela predominância de indústrias artesanais (Peru, Venezuela, Equador, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, El Salvador, Nicarágua, Honduras, República Dominicana e Cuba). A autora sugere, ainda, a possibilidade da constituição de um terceiro tipo C, com os países de estrutura agrário-exportadora, sem diversificação industrial, incluindo Paraguai, Haiti e, talvez, Panamá.

A organização estrutural dos países de capitalismo dependente por tipologias foi um recurso vital para explicar os diferentes níveis de desenvolvimento capitalista nos países latino-americanos. Neste contexto, salta-nos aos olhos a compreensão que a autora revela quando evidencia o motivo pelo qual apenas nos países de tipo A dão origem a uma burguesia industrial nacional com a capacidade de oferecer à sociedade um projeto próprio de desenvolvimento. Para a autora, somente nestes países ocorreu, de fato, o processo de substituição de importações pelas indústrias nacionais por meio do deslocamento do bloco



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

primário-exportador da condução hegemônica da sociedade.

Já nos países de tipo B, suas burguesias industriais não representaram peso substantivo frente ao controle do capital estrangeiro. Tais nações não apresentaram condições suficientes para mobilizar a população através do fenômeno do populismo nacional. Desenvolveram, apenas um tipo de “populismo defensivo”, “cujo eixo era a afirmação da nação e a negação do imperialismo, um “populismo” oligárquico para chantagear o imperialismo” (SEABRA, 2013, p. 453).

Seguindo esta análise, a autora imprime esforços para explicar as estruturas dependentes na fase da integração monopólica mundial e investiga o impacto das transformações no sistema capitalista gestadas pela hegemonia estadunidense. É necessário ter presente que o imperialismo pós-1945 se orienta não apenas no controle de matérias primas e conquista de mercados, mas volta sua atenção para investimentos nos setores manufatureiros. Desta forma, o novo caráter da dependência resulta da “penetração sistemática do capital estrangeiro, em especial do capital estadunidense, no setor mais dinâmico das economias dos países dependentes, ou seja, o setor manufatureiro” (BAMBIRRA, 2013, p. 126).

Este é o processo que a autora denomina como integração monopólica por representar a transformação das burguesias industriais nacionais em reflexos menores das empresas multinacionais, conduzindo-as a rejeitar as “bandeiras anti-imperialistas e nacionalistas populistas” (SEABRA, 2013, 453), a fortalecer e promover golpes militares com governos ditatoriais nos diferentes países latino-americanos.

Por conseguinte, o método histórico-estrutural da autora aproxima a realidade das sociedades latino-americanas pelo processo de integração monopólica no seu conjunto, mas os resultados do desenvolvimento capitalista dependente nos países do tipo A – como Brasil, Argentina e México – apresentam tendências específicas que não se encontram nos países do mesmo tipo, cuja

a penetração do capital estrangeiro na indústria manufatureira foi mais intensa; neles, o fortalecimento do capitalismo de Estado se deu de forma mais estreita vinculada à dominação imperialista, onde a ruptura de ‘compromissos’ políticos das classes dominantes com as classes dominadas formais radical e, finalmente, onde as contradições engendradas pelo desenvolvimento capitalista dependente se fazem mais agudas, exigindo soluções mais amplas e radicais (Idem, p. 219).

Partindo desta definição precisa, Bambirra (2013) explica a tendência histórica do desenvolvimento capitalista em várias circunstâncias. Isto é, exalta “a necessidade de diminuir o impacto interno de suas contradições congênicas orienta os referidos países, como subprodutos do imperialismo, rumo ao domínio e à subjugação dos demais países latino americanos” (Ibdem).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Um exemplo contundente é o caso das tendências que não encontram viabilidade histórica, apesar de existirem configuradas de forma encoberta. Tais tendências subimperialistas que, de acordo com Bambirra, (Idem, p. 218)

[...] consistiram na exploração de um país dependente mais desenvolvido sobre outros menos desenvolvidos, em busca do controle de parte substancial de seus mercados, através não apenas de exportações, mas, sobretudo, de investimento em setores econômicos básicos – de recursos naturais ou de instalação de indústrias –, o que suporia um certo domínio político e militar por parte do país subimperialista.

O estabelecimento das tipologias que a autora apresenta, com base nas suas assimetrias, apontam para uma explicativa contundente dos efeitos da ação dos monopólios na América Latina, as contradições e antagonismos inerentes ao capitalismo dependente entre três movimentos relacionados:

- (i) O primeiro deles diz respeito a época de reorganização dos espaços de integração regional e do resgate da soberania nacional. Apenas o Brasil, Argentina e México configuram a alternativa de expansão do sistema em termos subimperialistas dentro do mesmo tipo A. E, para a autora, o socialismo compete com a alternativa de desenvolvimento subimperialista, apesar de ser a única via para a ruptura da dependência.
- (ii) Os demais países do tipo A assim como os do tipo B dispõem apenas da alternativa de períodos relativamente curtos de crescimento com políticas reformistas e modernizadoras. Nestes países, há uma tendência de haver períodos alternados entre estagnação e crise com poucas possibilidades de desenvolvimento de etapas mais avançadas da industrialização por meio da montagem de bens de produção. Neste espectro, a única alternativa que se configura de desenvolvimento amplo está em outra ordem societária emancipadora, o socialismo, como a única forma de desenvolvimento.
- (iii) A natureza metodológica-conceitual para explicar o conjunto de sociedades dependentes passa pelo entendimento divergente da ciência oficial que acredita que a crise é apenas conjuntural, provocada por circunstâncias imediatas que paralisam o crescimento. Outrossim, só é possível enxergar as manifestações históricas específicas e as transformações das estruturas dependentes com as aproximações sucessivas à realidade concreta para entender o que condiciona o desenvolvimento das sociedades latino-americanas.

Estamos considerando que as sociedades latino-americanas se integram na dinâmica mundial a partir da criação das necessidades e condições que diminuem o valor da força de trabalho, como resultado da produção da mais-valia relativa.

Cabe assinalar, que a transição histórica da subsunção formal para a subsunção real do



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

trabalho ao capital, ou seja, da mais-valia absoluta para a mais-valia relativa opera na transição do desenvolvimento do capitalismo dependente. O salto qualitativo provocado pelo incremento de novas tecnologias, ao aumentar a extração da mais-valia relativa, intensifica a exploração sobre o trabalho. Olhando este panorama reconhecemos que estamos longe de uma apreensão deste fenômeno sem as aproximações sucessivas à realidade concreta, o que nos exige um empenho contínuo investigativo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

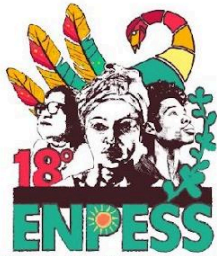
Ao olharmos o capitalismo contemporâneo, vemos a marca de uma acentuada lógica concentradora e destruidora. Identificamos, portanto, profundas mudanças no mundo do trabalho em escala mundial, tanto na sua estrutura produtiva, quanto nas relações sociais. Estas implicam, assim, no reconhecimento da centralidade do trabalho alicerçada na superexploração da força de trabalho para fazer valer a Lei Geral da Acumulação Capitalista, revisada em cada tipologia dos países latino-americanos.

O cenário de desemprego estrutural, precarização, desregulamentação do trabalho desigualdade social, violência, ultraconservadorismo, barbárie e degradação do meio ambiente, que se retrata em escala mundial, evidencia horizontes obscuros na atual etapa do desenvolvimento do capitalismo dependente. Este panorama revela um forte incremento da superexploração da força de trabalho na “nova morfologia do trabalho” (ANTUNES, 2014).

Diante deste quadro assustador, as transformações que têm ocorrido no mundo do trabalho penetram em todas as esferas da sociabilidade humana e não apenas na unidade de produção tal como defendem a narrativa de tendências pós-modernas. Particularmente, tais distorções são consagradas pelo movimento do capital que enraíza a superexploração do trabalho diante do impulso da obtenção de acumulação incessante alinhados, sobretudo, nos movimentos do capital financeiro, na circulação de bens e serviços, na informação, na satisfação e na eficiência.

Ao assimilarmos a dialética do capitalismo dependente através das contribuições da Vânia Bambirra, duas percepções correlacionadas nos deixam em suspenso para a atenção analítica da formação social brasileira:

- (i) a primeira diz respeito às crises do capital como estruturantes da formação social brasileira dependente. O esforço analítico da autora indica, metodologicamente, a relevância da compreensão das transformações produtivas, do caráter das crises e da



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

correlação de forças na luta de classes que contribuem, em cada momento histórico, para o estabelecimento de um padrão de exploração da força de trabalho e que implicam em formas modificadas da superexploração do trabalho.

(ii) a segunda observação foca na forma como se apropriam as análises da formação social brasileira a partir da crítica da economia política e a compreensão profunda da lei do valor. Conforme apontado antes, esta forma se configura como um diferencial nas outras análises histórico-sociológicas ou ainda sociológicas inspiradas na tradição marxista. Consideramos importante salientar que a autora, ao estudar o processo de industrialização e como se deu sua incorporação em mais de 20 países da América Latina, aproximou-se mais da realidade social. Do mesmo modo evidencia como estas formações sociais configuram uma estrutura de classes conformadas por um Estado dominante em cada uma dessas formações. Consequentemente, não generaliza os dois grandes tipos de formação social que identifica como tipologia A e B, além de sugerir a C.

Como argumentamos, a superexploração do trabalho no capitalismo dependente latino americano, demanda uma burguesia violenta, liberal conservadora, capaz de perpetuá-la mediante a crise estrutural. Opera, nestas circunstâncias, sistematicamente, para equalizar por baixo o valor da força de trabalho.

Almejamos que estas reflexões possam identificar que a particularidade é a forma concreta de como a Lei Geral da Acumulação Capitalista (MARX, 1984) se formaliza em cada país, entendendo a desigualdade das cadeias produtivas de valor, de forma desigual em âmbito regional. Do mesmo modo, atentamos como a Lei Geral da Acumulação é realizada e sentida de forma desigual ocasionando um prejuízo na organização da classe trabalhadora na relação opressão e exploração, conforme a particularidade e momento histórico de cada região.

Dentre outros apontamentos que Vânia Bambirra expressa nos seus textos, este ensaio se propõe, ainda de forma inacabada, a conduzir o leitor para um recorte metodológico e investigativo. Mais do que uma resposta de análise taxativa à conformação dialética capitalista dependente latino-americana, a intenção, destas linhas, é, antes de tudo, expressar que este é um ponto de vista crucial dentre outras preciosas análises já consolidadas na sociologia com tradição marxista.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Trabalho**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

12

ANTUNES, Ricardo. **Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. Trabalho, Emprego e Renda.** Estudos Avançados. 28 (81), ago 2014, p 39-53.

BAMBIRRA, Vânia. Integración monopólica mundial e industrialización: sus contradicciones. Sociedad y Desarrollo. **Revista Trimestral del Centro de Estudios Socioeconómicos – CESO**, Em coedición com Prensa Latinoamericana – PLA. Universidad de Chile, Chile, Enero marzo, 1972.

BAMBIRRA, Vânia. **Capitalismo dependente latino-americano.** Coleção Pátria Grande – Biblioteca do Pensamento Crítico Latino-Americano. Tradução Fernando Correa Prado e Marina Machado Gouvêa. 2ª edição. Florianópolis: Insular/IELA, 2013. CARCANHOLO, Marcelo Dias; BARUCO, Grasiela Cristina da Cunha. Pós-modernismo e neoliberalismo: duas facetas ideológico-políticas de uma pretensa nova era. **Revista Lutas Sociais.** v. 21/22, 2. Sem. 2009.

Pg. 132-145. Disponível: [http://www4.pucsp.br/neils/downloads/11\\_marcelo-grasiela.pdf](http://www4.pucsp.br/neils/downloads/11_marcelo-grasiela.pdf). Acesso em: 14/03/2015 COGGIOLA, Osvaldo. A classe operária hoje. In: KATZ, Claudio et all. **Novas tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva.** São Paulo: Xamã, 1995, p.147-155.

FERREIRA, Carla. Vânia Bambirra, intérprete de Lênin. De O capital à Revolução de Outubro (1867 – 1917). **Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo.** Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx). Niterói, agosto de 2017. ISBN: 978-85-228-1279-0. Disponível em:

<https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC65/mc651.pdf>. Acesso em: 27.06.22

GORZ, André. A alienação só pode ser superada fora do trabalho assalariado. In: Vários Autores. **A sociedade: entrevistas do Le Monde.** São Paulo: Ática, 1989, p. 167-176.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1993.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LUCE, Mathias S. **Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LUKÁCS, Georg. **Pensamento vivido.** São Paulo: Estudos e edições Ad Hominem; Viçosa: Editora da UFV, 1999.

LUKÁCS, Georg. **A Destruição da Razão.** Tradução de Bernard Herman Hess, Rainer Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes; revisão de Ester Vaisman, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MANDEL, E. **A Crise do Capital: os fatos e sua interpretação marxista.** São Paulo: Ed.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Ensaio, 1990.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Editora Vozes Ltda, 2000.

13

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 137- 181.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política** – Vol. 1, Tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**- Vol. 1, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013. NETTO, José

Paulo. **Lukács e a crítica à filosofia burguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1978. OLIVEIRA, Ana

Cristina O. de; SOUZA, Gisele; SOARES, Marcela. Capitalismo dependente brasileiro:

retrocessos sociais e avanço do conservadorismo reacionário em tempos de crise do capital. In:

Adriana Ramos et all. (Org.). **Desenvolvimento, formação social brasileira e políticas**

**públicas: subsídios analíticos para o Serviço Social**. 2ed.Uberlândia: Navegando

Publicações, 2019, v. 1, p. 11-24.

OLIVEIRA, Ana Cristina O. de. Centralidade do trabalho, capitalismo dependente e

superexploração do trabalho: o pensamento social da Vânia Bambirra. OLIVEIRA, Ana Cristina

O. de; SOUZA, Gisele; SOUSA, Adrianyce. **Duras Vidas Severinas: realidade brasileira e**

**Serviço Social**. 1a Edição Eletrônica. Uberlândia: Navegando, 2023

OSORIO, Jaime. **Sobre superexploração e capitalismo dependente**. Caderno CRH, Salvador,

v. 31, n. 84, p. 483-500, Set./Dez. 2018, p 483-500.

PRADO, Fernando Correa. Vânia Bambirra e o marxismo crítico latino-americano. **Rebela**, v. 1,

n. 1, jun. 2011, p. 152-160.

SEABRA, Raphael Lana. O capitalismo depende latino-americano 40 anos depois (BAMBIRRA,

Vânia. O Capitalismo Dependente Latino-Americano. Florianópolis: Insular, 2012). **Revista**

**Sociedade e Estado** - Volume 28, Número 2 Maio/Agosto, 2013, p. 449-454.